

## **Aquele que foi ... como eco-pioneiro no Brasil**

Entrevista com Wolfgang Bendel

Como um exemplo bastante exótico da agricultura biológica, nós apresentamos hoje o pecuarista brasileiro-alemão Wolfgang Bendel. Depois de anos de andanças longos, especialmente na América Latina, nosso interlocutor encontrou seu segundo lar no Brasil; Bayern (Baviera -Estado no Sul da Alemanha) continua a ser o primeiro. O "antigo" camarada de Bendel, o publicista Dominik Schwarzenberger, fez as perguntas para nós.

Dominik Schwarzenberger (D.S.): Por que você deixou a Alemanha? Por que você decidiu focar-se no Brasil e na Bahia atrasada?

Wolfgang Bendel (W.B.): Toda minha vida estava interessado no continente latino-americano, que também viajou extensivamente. Que finalmente foi capturado no Estado brasileiro da Bahia, em última análise, tem a ver com a minha esposa, que eu conheci lá. Deixei a Alemanha sobretudo, porque o clima intelectual lá para os dissidentes políticos fica cada vez mais complicado e não deixa o ar necessário para respirar independentemente. Este desenvolvimento nos últimos anos me fez tomar a decisão ter um segundo lar no Brasil.

D.S. Desde quando existe a fazenda? Tem uma tradição de família?

W. B. A fazenda existe desde o final dos anos 40 do século passado. Minha esposa Izabel vem de uma família de fazendeiros. Sua tradição é tão antiga que não conhece ancestrais, que não haviam trabalhado no campo da agricultura. Alguns de seus irmãos ainda estão trabalhando na área de produção de alimentos, principalmente na pecuária. Estou visitando regularmente a fazenda desde 2010.

D.S. Como nós podemos imaginar seu rancho? Conta-nos algo sobre o tamanho, a estrutura e os moradores.

W. B. A fazenda está localizada dentro dos restos da antiga floresta costeira (mata atlântica) no município de Guaratinga, na divisa entre os Estados da Bahia e Minas Gerais e é composto por duas partes: uma parte maior onde cultivamos de acordo com métodos orgânicos principalmente o cacau e é uma parcela menor, incluindo uma reserva natural privada. Esta reserva da biosfera é registrado no Brasil sob o nome de "Reserva Particular do Patrimônio Natural" (RPPN) e é - aliás, a primeira instalação do gênero no estado da Bahia - oficialmente registrada desde 2009. Na área da RPPN nada é alterado.

É também de notar que tanto a área cultivada quanto a não cultivada tem restos das ameaçadas árvores jacarandá-da-bahia. Este jacarandá-da-bahia (*Dalbergia nigra*) foi processado muito para ser exportado como madeira de luxo para Europa. O Ministério do Meio Ambiente e a CITES (Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Fauna e da Flora Silvestres Ameaçadas de Extinção) colocaram a Rio-Palisander, como está conhecida na Alemanha, na lista de espécies ameaçadas. Por isso, chamamos a nossa fazenda também como "berçário do jacarandá-da bahia".

A plantação não está permanentemente habitada com a exceção dos trabalhadores residentes (normalmente uma família).

D.S. O que estão cultivando? Por que apenas estas variedades?

W. B. Como já mencionado, nós plantamos principalmente cacau. A fim de fornecer a sombra necessária para as plantas de cacau plantamos banana, cupuaçu e jaca. Para auto-abastecimento também milho, feijão preto e mandioca são cultivados.

D.S. O que vocês leva a seguir o caminho orgânico? O que faz a ecológica? Só determinados métodos de cultivar ou padrões sociais em lidar com funcionários, clientes e fornecedores?

W. B. Produzimos organicamente, segundo um método chamado CABRUCA no Brasil, que também é conhecido sob o termo "florestas tropicais de chocolate", porque é sustentável e ambientalmente amigável. Existe até um instituto CABRUCA que incentiva este modo de produção. A receita é dividida entre os proprietários da plantação e os trabalhadores, para que os meios de subsistência da família dos trabalhadores na fazenda estão garantidos. Por isso também é fornecida uma casa decente.

É claro que o nosso objetivo é produzir produtos saudáveis que não requerem os pesticidas habituais. Não queremos só a proteção do meio ambiente, mas também o bem-estar humano.

D.S. Quais são os obstáculos que vocês tem que lutar?

W. B. Durante muito tempo, o maior problema foi um fungo que é conhecido sob o nome de vassoura de bruxa e causou enormes danos. Entretanto, foram desenvolvidos métodos que permitem uma melhor resistência da planta do cacau contra esta praga. Erradicação ainda não foi conseguido. Outro problema é a competição da África Ocidental, especialmente da Costa do Marfim, que resultou numa queda mundial dos preços do cacau. Finalmente o gado dos agricultores vizinhos ameaça a existência da plantação, já que constantemente dirigem o gado em busca de novos pastos em nossa plantação e, assim, ameaçam a floresta primária da zona de proteção e as próprias plantas de cacau. Proteção jurídica ou um estado eficaz muitas vezes apenas existe na teoria nessas regiões remotas do mundo.

D.S. Os seus produtos recebem o selo “comércio justo” (fair trade)? Quem é o principal comprador (nacional e estrangeiro)?

W. B. Uma vez que somos um pequeno produtor e já que trabalhamos devido aos problemas mencionados atualmente sem fins lucrativos (a fazenda só se mantém), não somos capazes de se juntar a nós uma organização internacional de vendas. Para quem o intermediário revende os nossos produtos, não é conhecido por nós. É de se supor que ele vende a maior parte de seus produtos para outros países, europeus ou norte-americanos.

D.S. Como estão vocês percebidos na sua região?

W. B. A prefeitura de nosso município nos apoia conforme pelas suas condições bem limitadas. Ela colocou sinais para apontar a nossa fazenda ecológica e é simpaticamente com nossa tentativa de preservar a jacarandá-da-bahia. A população, porém, é sobre questões relacionadas com a proteção do ambiente e das espécies protegidas pouco interessada, que, naturalmente, reduz as possibilidades da prefeitura para nos apoiar. Um apoio mais intensivo a nossa fazenda, por exemplo melhorando a estrada só para nossa reserva, que está em um estado precário, a população local provavelmente não apoiaria.

D.S. Como, falando em geral é a consciência ambiental no Brasil? O país não é conhecido por agricultura biológica, certo? No entanto, as exigências ecológicas são cada vez mais numerosas nos programas dos partidos de todas as tendências.

W. B. Você poderia dizer antes que a proteção ambiental para o brasileiro era totalmente desconhecida, pode-se achar que agora ele lentamente começa a repensar. Essa mudança vem especialmente das grandes cidades e dos Estados do sul e sudeste, quais são os mais desenvolvidos. Esta é também a razão pela qual não devem faltar em plataformas de partidos demandas ecológicas. O sistema de RPPN já mencionado é surpreendentemente amplo e contribuiu para que, especialmente na área da mata atlântica, a destruição do ambiente está diminuindo rapidamente. Na Amazônia tende a diminuir o desmatamento também, especialmente no Estado do Amazonas mesmo. Quanto a agricultura biológica, aqui se vê melhoramentos principalmente nos Estados do sul e sudeste como Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Este progresso está sendo comunicado através dos meios de comunicação no Brasil inteiro. Mas os problemas ecológicos num país de um tamanho tão enorme como é o Brasil são tão numerosos e diferentes, que não cabem numa entrevista como esta. Resta lembrar-se da produção imensa de biocombustíveis.

D.S. O que pode você nos dizer sobre os problemas ecológicos graves no Brasil? Na Europa, ouvimos mais sobre o desmatamento da floresta tropical.

W. B. Para mim uma experiência chocante foi uma visita ao estado do Pará. Este segundo maior estado do país compreende mais de 1,2 milhões de quilômetros quadrados. Em poucas décadas, "conseguiu-se" reduzir muito desta floresta localizada na bacia hidrográfica do Rio Amazonas e seus principais afluentes e assim destruí-la. Onde antes havia floresta primária só interrompido pelos rios, agora pode ser encontrado uma estepe seca onde apenas a pecuária extensiva é possível. Em particular, o sudeste é afetado como uma área do tamanho da Alemanha. No verão seco, o solo exposto e vermelho é soprado a cada rajada de vento no ar e existe uma névoa avermelhada de pequenas partículas de poeira, banhando toda a paisagem de uma forma surreal; memórias de filmes do fim dos tempos estão voltando.

D.S. Os nativos do Brasil estão percebidos em nosso país como "bons selvagens" que vivem em "harmonia com a natureza". Como você vê esta ideia romântica?

W. B. Antes da conquista e o desenvolvimento do Brasil primeiro pelos portugueses, franceses e holandeses e depois pelos Bandeirantes de São Paulo e Minas Gerais, os índios viviam obrigatoriamente em "harmonia com a natureza", já que eles não tinham a

capacidade técnica e a vontade, de dominar a natureza. A vida dos índios não era nenhum piquenique antes do avanço dos europeus. Calor, inundações frequentes e espaçosos, predadores e animais peçonhentos, parasitas, insetos, a permanente falta de alimentos e a constante guerrilha entre as tribos semi-nômades deixou pouco tempo para imaginar-se no paraíso. Mesmo assim, era apenas uma ideia romântica, a noção de "bom selvagem".

D.S. Como é a situação dos índios hoje?

W. B. Hoje em dia muito poucas tribos não são "civilizadas". Só alguns índios muito distantes na Amazônia continuam vivendo segundo as suas tradições antigas. Isso significa que quase todos perderam sua cultura, sua língua e seus deuses. Muitas vezes misturados com negros - nativos de raça pura, há cada vez menos – os índios moram em suas reservas em grandes partes de modo miserável e esquecido. Seu fiel companheiro é hoje, infelizmente, não o arco, a borduna ou a flecha, mas a garrafa de cachaça. Enquanto isso, o governo do Brasil, com o apoio de alguns assim chamadas Organizações Não Governamentais (ONG) tenta de melhorar a vida dos índios, dando a eles direitos especiais.

Isto significa, especialmente no Extremo Sul da Bahia, mas em outras partes do país também, que os indígenas tomaram grandes propriedades dos camponeses médios, um fato, que produz muita briga e nova injustiça. Os índios, junto com os negros, estão privilegiados na alocação de vagas nas universidades e na administração do Estado por meio de quotas. A assistência médica melhorou bastante e fica as vezes melhor do que dos outros brasileiros, que estão morando longe das cidades.

Mas tudo isso não muda o fato de que a sua identidade foi fortemente destruída, já é evidente que praticamente todos os meninos esqueceram suas línguas ancestrais ou nunca sabiam. Uma vez que muitos índios não estão nem dispostos nem capazes de gerenciar rentavelmente as áreas recém alocadas, em breve estão assumidas por representantes das ONGs mencionadas; normalmente com sedes no primeiro mundo. De este jeito você está acabando criar novas injustiças, sem ajudar os indígenas realmente. Ou, como disse o aforístico, escritor e filósofo colombiano Gómez Dávila em um contexto semelhante: "Com de las Casas a esquerda pisou no solo da América Latina e aconteceu como exemplo o que acontece sempre na esquerda: se escravizou os negros, sem libertar os índios"

D.S. Como e onde vocês vêem o seu futuro?

W. B. No futuro previsível, vamos provavelmente alternar entre Alemanha e Brasil. Ainda não decidimos, onde o nosso lar de idosos estará localizado. Isso certamente vai depender não só da economia, mas também de fatores sociais e políticos. Em qualquer caso, numa ditadura não queremos gastar os nossos anos de aposentadoria.

Meio Ambiente e ativa agradece ao Sr. Bendel e ao Sr. Schwarzenberger para a visão interessante sobre a agricultura orgânica brasileira.

Traduzido do alemão por Wolfgang Bendel